

36º Encontro Anual da Anpocs

GT33 – Sobre periferias: novos conflitos no espaço público.

Geografias afetivas, conflitualidades e experiências juvenis na cidade.

Camila Holanda Marinho¹

Jania Perla Diogenes de Aquino²

*Aqui nessa casa ninguém quer a sua boa educação.
Nos dias que tem comida, comemos comida com a mão.
E quando a polícia, a doença, à distância ou alguma discussão,
Nos separam de um irmão,
Sentimos que nunca acaba de caber mais dor no coração.
Mas não choramos à toa.
Não choramos à toa.*

Arnaldo Antunes (Volte para o seu lar, 1998).

Nos grandes centros urbanos, experiências de interação, alianças, organizações e conflitos são construídas cotidianamente em variados espaços, sugerindo a coexistência de múltiplas “cidades” dentro de uma mesma figuração geográfica. Em suas rotinas vinculadas ao trabalho, à escola, ao lazer e à religião, os moradores da cidade vão elaborando estratégias para se locomoverem no espaço urbano. Ao transitarem em diferentes paisagens geográficas e sociais, as pessoas elaboram sistemas classificatórios, envolvendo avaliações e construções subjetivas. Desta maneira, certos locais são considerados barulhentos, outros são tidos como calmos, alguns são considerados animadas, outros perigosos. Algumas paisagens estão associadas a momentos compreendidos como felizes, por outro lado, há espaços que evocam “lembranças tristes” Este conjunto de visões e sentimentos associados

¹ Doutora em Sociologia pela UFC e pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC). Email: camila_holanda@hotmail.com

² Doutora em Antropologia pela USP, pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC) e professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Email: perladiogenes@hotmail.com

ao espaço, em larga medida, desenham futuros percursos e experiências na cidade.

Nos processos de interações sociais, vivências individuais e classificações, daí advindas, vão se constituindo em sistemas classificatórios, de modo que os espaços urbanos passam a ser identificados a partir de adjetivações específicas: algumas destas nomações se baseiam em critérios geográficos (“centro da cidade”, “bairros da periferia”), outras estão associadas ao tema da segurança e da moral (“bairros perigosos”, “zonas de prostituição”, “esquina de tráfico”, “praça dos drogados” “beco dos maconheiros”), há ainda atribuições concebidas por políticas de patrimônio (“bairro histórico”, corredor cultural) e definições associadas a coletivos de natureza política (“bairros de luta”, “bairros populares” e “comunidades”). Tantas classificações e representações colocam em relevo a variedade nas formas de uso e apropriação da cidade (CERTEAU, 2003).

Este *paper* é decorrente de uma pesquisa integrante do PRONEX *Etnografias Urbanas: redes lugares e conflitos*, realizada pelo Laboratório de Estudos da Violência da UFC e coordenada pelo professor César Barreira: trata-se de um “projeto guarda-chuva” para várias abordagens da cidade de Fortaleza, privilegiando suas versões plurais e diversificadas, em sentido contrário à ideia substantiva ou entitória de um espaço homogêneo. Em dimensões gerais, a intenção dessa linha de pesquisa é elaborar um repertório de etnografias que apreendem experiências, agentes, interações sociais e redes de relações em Fortaleza, dando ênfase a dimensões e perspectivas que escapariam a um olhar mais panorâmico.

Para esta idéia ficar mais clara, iniciaremos apresentando alguns elementos do cotidiano de Igor, um jovem morador da Aldeota (bairro “nobre” da cidade), estudante do curso de arquitetura na Universidade Federal do Ceará, localizado no bairro Benfica (bairro próximo ao centro de Fortaleza). Igor é frequentador dos bares e restaurantes próximos a sua faculdade, namora Mariana, uma colega de sala que mora no Bairro de Fátima (bairro de classe média), os dois estão fazendo estágio em uma loja de decoração distante apenas dois quarteirão da casa de Igor. O casal Igor-Mariana costuma ir dançar no *Mucuripe Club*, nas noites de sexta-feira. Ficam em casa durante o dia de

sábado, fazendo leituras e outras tarefas relacionadas à faculdade. À noite se encontram na casa de Mariana, de onde vão para a missa das 19h na Igreja de Fátima. Nos dias de domingo o jovem casal costuma ir a Praia do Futuro ou à piscina da avó de Mariana, que também reside no mesmo bairro.

Este breve relato evidencia que a Fortaleza por onde se movimenta Igor é diferente daquela em que transita Silvânia, a mulher de 37 anos que trabalha como zeladora do prédio onde mora o estudante de arquitetura. Silvânia tem três filhas e duas netas, ela e sua família moram no Conjunto Palmeiras, bairro da periferia de Fortaleza. De segunda a sábado, Silvânia acorda 5 horas da manhã apressada, pega um ônibus com destino ao terminal da Messejana, de lá Silvânia toma um segundo ônibus para o terminal da Parangaba, onde entra no terceiro ônibus, que faz o trajeto Parangaba-Papicu e desce há duas quadras do prédio onde trabalha. Em suas folgas aos domingos, a zeladora frequenta a Igreja da Assembléia de Deus do Conjunto Palmeiras. Assim o trajeto de Silvânia na cidade é definido entre a Aldeota e o Conjunto Palmeiras. Embora tenha aprendido em suas viagens diárias de casa ao trabalho que Fortaleza é uma cidade grande, Silvânia não conhece outros bairros, do mesmo modo que, não conhece os cartões postais da cidade, tais como a Ponte dos Ingleses, o Centro Cultural Dragão do Mar, o Porto do Mucuripe, dentre outros. Antes de trabalhar na Aldeota ela conhecia apenas o centro da cidade e os bairros periféricos que circundam o Conjunto Palmeiras.

As experiências de Igor e Silvânia são ilustrativas de diferenças entre percursos urbanos e modelos de trânsito pela cidade, revelando que cada morador, em suas vivências cotidianas, vão desenhando a sua cidade. Certamente, há muitas intersecções nestas construções, mas a idéia de uma cidade como totalidade ou desenhada do mesmo modo para todos os moradores, em uma perspectiva empírica, vai se tornando insustentável.

Neste paper, refletiremos sobre os usos de espaços e as formas como pessoas se movimentam na cidade, considerando as referências afetivas que são constituídas como signos de vinculação para um determinado agrupamento social formado por jovens moradores de rua: os meninos e meninas da Praça das Flores. As narrativas e descrições analisadas no texto tem como base observações em campo junto a crianças e jovens realizadas ao

longos dos anos de 2005 a 2010. Procuraremos “levar a sério” as perspectivas dos jovens moradores de rua, em suas movimentações cotidianas pela cidade de Fortaleza, onde desenham e redesenham cartografias afetivas produtoras de vinculações à pessoas e lugares que encontraram quando a rua foi por eles compreendida com um lugar de encontro de afetos.

Obviamente, os moradores de rua não são os únicos que circulam no espaço urbano. Dentre os agrupamentos circulantes, um dos fatores que diferenciam estes agentes é a vivência de momentos ou experiências que se convencionou chamar de íntimos em espaços como calçadas, praças e largos. Tais modos de experimentar o espaço urbano redefinem as noções de “público” e “privado”, cuja oposição constitui um dos principais “grandes divisores” ou dicotomias, a partir dos quais a sociedade ocidental e as ciências sociais têm operado (Goldman e Stolze, 1999).

A cidade habitada pelos sujeitos desta pesquisa não se coloca como uma abstração, totalidade ou espaço desordenado, elas a experimentam a partir de trajetos cortados, limites transpostos e fronteiras demarcadas, configurando os espaços para viver nas ruas. Sabem onde dormir, comer, tomar banho, esconder-se, namorar, brincar, trabalhar e buscar socorros necessários, distribuindo-se no espaço urbano de acordo com as possibilidades de resoluções de suas necessidades e desejos, assim como para a obtenção de rendimentos materiais e financeiros. A cidade passa a ter uma nova localização geográfica e afetiva. Frangella (2009) delinea sua percepção sobre os corpos dos moradores de rua notando que a geografia urbana, continuamente, os acolhe e os repele. Por outro lado, independente da cidade em que se localizam, os moradores de rua são expressões das desigualdades e injustiças sociais na sua forma mais extrema.

As “Fortalezas” experimentadas por jovens moradores de rua, bem como por moradores de rua de outras faixas etárias, apresentam roteiros singulares, nem sempre perceptíveis àqueles que os observa à distância. Muitos vivem no centro da cidade, espalhando seus pertences nos bancos das praças, estacionando desejos de viver em outros lugares, sendo hostilizados pelos transeuntes atrasados e amedrontados. Outros estão esmolando e mendigando nas margens de avenidas movimentadas que ligam a cidade de um lado ao

outro. Alguns mais ousados ficam pelos arredores da Avenida Beira-Mar na orla marítima, buscando a piedade dos que rezam, os restos de comida dos que frequentam *fast foods*, a rica moeda estrangeira como esmola, sempre sob a vigilância do policiamento que, em muitos casos, age para controlar a estética do cartão postal da cidade.

Uma das principais motivações que provocam os deslocamentos dos moradores de rua dos lugares onde estabelecem uma fixação mais duradoura são as práticas e as situações de violência. Esses acontecimentos estão relacionados com a repressão policial, com conflitos e desentendimentos no interior dos grupos ou ameaças de agentes externos ou inimigos que podem saber onde encontrá-los. O cenário no qual estão inseridos é marcado por uma diversidade de manifestações de violência praticada por eles ou contra eles. Desamparados pelos serviços públicos de atendimento, especialmente de saúde, educação, habitação e segurança pública, os casos de conflitos são geralmente resolvidos por e entre eles, portanto, existem poucas estatísticas que apontem seus envolvimento em situações de violência, seja como autores ou vítimas dessas situações. Usualmente as situações de conflitos envolvem “armas brancas”, como facas, cacos de vidros, garrafas quebradas, pedras, entre outras. Portanto, a rua é compreendida por sua multiplicidade de usos e significados e, no caso dos moradores de rua, uma dentre tantas classificações é a de que a rua se reproduz em cenários de disputa, onde a mobilização da violência é recorrente. Em seus relatos, ela é o lugar que simboliza a liberdade, ao mesmo tempo em que, também, é compreendida como um lugar perigoso de viver.

As formas de violência na rua possuem múltiplos formatos. São expressas pelos fenômenos de exclusão e desigualdade social, que fazem com que os indivíduos se encontrem em situações de miséria e extrema pobreza, tornando-se despossuídos de qualquer bem de consumo e sobrevivência. Estão associadas a práticas criminais protagonizadas por estes agentes, como também a situações de violência que os colocam como vítimas de agressões, maus tratos, atitudes de repugnância e, conforme a mídia tem noticiado recentemente, os moradores de rua estão sujeitos a serem assassinados por aqueles que consideram suas vidas desnecessárias e ameaçadoras. Muitos

também possuem formas de interação violentas dentro do grupo, assim como, aquelas direcionadas às outras pessoas que circulam pela cidade. Mas é importante ressaltar que as práticas de violência e os comportamentos violentos não devem ser associados, de forma generalizada, a todos que moram nas ruas. Violências estão entre as forças que atravessam os cenários da rua, mas que não os define.

Localizados em posições que os torna vulneráveis a violações, regidos e observados por lógicas estatais do direito e dos programas de assistência social que se orientam por dualismos, oposições e delimitações como legal e ilegal, risco e segurança, casa e rua, infância, adolescência e idade adulta, os jovens moradores de rua, analisados neste trabalho, produzem significados e sentidos que compõem suas trajetórias e experiências de vida, assim como (re)elaboram os usos dos lugares e do papel das instituições sociais, reinventando e recriando diferentes modos de viver.

Para tanto, entendemos a juventude como um conceito no plural. As multiplicidades e diferenças que integram esta noção devem ser destacadas para evitar classificações homogêneas e estigmatizadoras. Compreendemos os jovens como pessoas localizados em mapas culturais e afetivos que refletem suas temporalidades e experiências de vida. Com isso, os jovens com experiência de moradia na rua, ao nomadizarem seus percursos, experiências, etiquetas, afetos e desejos, sinalizam um trânsito sentimental que circunda as trajetórias juvenis da contemporaneidade. Seus movimentos incessantes, em trajetos que não visam um começo, um meio e um fim, são permeados por uma modalidade não convencional de vinculação, de fixação, de pertencimento, mas que é permanentemente tecida por fios de afetos, seja através de expressões de alegria, de dor, de frustração, de perda, de medo, de prazer, de solidariedade, de cumplicidade, de saudade, de amor e ódio, portanto, dando um uso polifônico e caleidoscópico de sentimentos à vida encenada na rua.

Sobre desenhos afetivos e geográficos de um lugar na cidade.

Não só a Fortaleza dos moradores que se deslocam pela cidade utilizando o serviço de transporte público colocam em destaque a importância dos terminais integrados de ônibus, como também, esses lugares possuem

outras formas de uso para os jovens moradores de rua. A frota de transportes coletivos em Fortaleza é conectada por terminais estruturados em estações em que os ônibus estacionam para entrada e saída de passageiros. No interior do terminal, os usuários dos ônibus podem mudar as linhas sem a necessidade de usar um novo ticket. Existem sete terminais integrados (Papicu, Antônio Bezerra, Parangaba, Lagoa, Siqueira, Messejana e Conjunto Ceará) e dois terminais abertos localizados no centro da cidade de Fortaleza (Praça do Coração de Jesus e Praça da Estação). De todo modo, ao circular pela cidade, o fortalezense enfrenta dificuldades na mobilidade urbana, que costuma ser um problema nas metrópoles brasileiras, configurando um cotidiano conturbado, conflituoso e cansativo, sobretudo para quem não dispõe de outras formas para transitar. O entorno de alguns desses terminais são considerados espaços “perigosos” e registram elevados índices de assaltos em suas proximidades, incidência de venda e consumo de drogas, bem como de outros artigos ilegais (como armas e produtos oriundos de roubos e assaltos). Não raro, são identificadas situações de exploração sexual de crianças e adolescentes nas dos terminais de ônibus. Com exceção do Terminal do Papicu, localizado em um “bairro de classe média” de Fortaleza – os demais estão inseridos nas regiões periféricas da cidade.

Estas informações sobre o transporte coletivo de Fortaleza são importantes neste texto porque as narrativas e descrições que vamos apresentar têm como principal cenário um terminal de ônibus e os equipamentos urbanos do seu entorno. Optamos por utilizar nomes fictícios para os personagens que povoam este *paper*, do mesmo modo que, adotamos este procedimento de acionar nomes inventados para os espaços onde se movimentam os sujeitos da pesquisa. Portanto, passaremos a chamar de Praça das Flores o lugar de encenação das narrativas que iremos apresentar a seguir.

Apenas uma avenida separa a Praça das Flores do Terminal das Gaivotas, localizado na periferia de Fortaleza. Entre os anos de 2005 e 2010, esta região concentrou um número vasto de moradores de rua, especialmente crianças e jovens. A proximidade com o terminal de ônibus faz do lugar um ponto de passagem de pessoas, assim como, um lugar de encontros. Há barracas e bancadas onde são comercializadas comida e bebida, além de

diversos bancos que estão sob as sombras de árvores que contornam a praça. Não só os moradores de rua apreciam o lugar, ele também é freqüentado por moradores da região e transeuntes, que no deslocamento de um lugar a outro se refrescam nas sombras produzidas. O trabalho de campo nos revelou diferentes usos e significados atribuídos à Praça das Flores. Se há fortalezenses que se lembram de assaltos sofridos ou presenciados no local e o considere perigoso, há também aqueles que ressaltam o preço baixo dos objetos adquiridos na feira que acontece todos os domingos na praça. Para os sujeitos desta pesquisa, o lugar constitui uma referência afetiva por simbolizar tempos e relações que lá foram encenadas, durante um período aproximado de cinco anos, eles a experimentaram como um lugar de encontro e de afetos.

Apresentaremos a partir de agora três situações ou conjuntos de situações que envolvem dramas e alegrias vividos naquela praça por alguns jovens que a tomaram como local de moradia. Entre os equipamentos públicos localizados nas proximidades do lugar, havia um abrigo da Prefeitura Municipal que atendia garotas inseridas na rede de exploração sexual, na faixa etária de 12 a 18 anos incompletos. Assim como Natália, parte representativa dos jovens atendidos naquela sede do programa circulavam na Praça das Flores, Terminal das Gaivotas e ruas do entorno. Um episódio contraditório, apenas aparentemente, ocorreu no dia que Natália completou 15 anos. A menina que não sabia o que era uma festa de aniversário em sua homenagem, foi surpreendida com uma comemoração pelos profissionais que trabalhavam no abrigo.

A rotina da casa foi alterada naquele fim de tarde para a celebração. Naquele dia não aconteceria os atendimentos psicossociais (sigilosos e silenciosos) usualmente realizados no espaço. Ouvia-se diversas vozes de pessoas que falavam ao mesmo tempo. Era o som da festa, o som dos convidados, já que música não foi permitida pela direção da instituição. A equipe empenhada em deixar Natália feliz providenciou um bolo com cobertura de glacê na cor rosa, a mesa foi arrumada de modo que o bolo ficasse no centro, contornado por dezenas de brigadeiros que outras meninas da casa ajudaram a preparar ao longo do dia. Para decoração da festa havia balões e um painel com os dizeres: “Parabéns 15 anos de Natália.” Algumas educadoras sociais serviam

refrigerantes e salgados e circulavam pela sala principal da casa onde acontecia à comemoração. A jovem que tinha histórico de várias fugas dos abrigos demonstrava animação com a festa que estava sendo realizada para ela.

Os profissionais nos relataram que eles estavam animados com a permanência da jovem na instituição há mais de um mês. Este abrigo era um lugar que a jovem recorria quando decidia “passar um tempo fora da rua.” Por diversos motivos, seja para afastar possibilidade de punições em virtude de atos ilegais praticados por ela, por conveniências outras ou por razões afetivas. Natalia certa vez declarou que os motivos que fazia com que ela recorresse àquele abrigo eram “as tias legais” que trabalhavam no lugar e por ele ficar localizado nas proximidades da Praça das Flores. Geralmente, os abrigos que executam acolhimentos institucionais para crianças e jovens que não vivem com suas famílias, estão localizados em bairros da periferia da cidade com características socioeconômicas similares às comunidades de origem dos jovens que utilizam esses serviços. No caso do abrigo em questão, era a localização e o modo de atuação dos profissionais que o tornavam o predileto conforme as narrativas de Natália.

Voltando a cena do aniversário de 15 anos da jovem, a festa se tornava mais animada a medida que os convidados ia trazendo presentes e ela os abria revelando um entusiasmo. Natália retribuía com um abraço apertado todos os que a presenteavam. Por se tratar de uma instituição de acolhimento em regime fechado, a festa de 15 anos foi organizada a partir de um conjunto de regras, internos e convidados não podiam falar alto, havia um horário limite para a finalização do evento, que obedeceu a uma seqüência precisa de momentos. As comidas e bebidas foram servidas no início da comemoração, em seguida os convidados cantaram “Parabéns” e a jovem cortou o bolo. Natália participou de toda a festa se mostrando animada, receptiva e agradecida.

Havia uma compreensão, por parte dos profissionais que a atendiam a jovem, de que essas manifestações de afetividade a manteriam no abrigo e a motivariam a “construir um novo projeto de vida”, era um futuro entendido como “bom” que os profissionais idealizavam para a trajetória dos jovens que estabeleciam a rua como uma referência de moradia. Na ocasião, alguns destes profissionais tiveram o otimismo abalado quando mais uma fuga de Natália os

surpreendeu. Em um ato “cinematográfico”, ela atravessou a pequena janela de um banheiro que ficava no segundo andar da casa e ganhou a rua. Natália tinha ido comemorar seu aniversário com os amigos da Praça das Flores. Lá tinha bebida alcoólica, ela podia falar alto, rever pessoas queridas, eventualmente, furtar transeuntes e ainda consumir pedras de crack. Era esse o lugar que suas narrativas e atitudes identificavam como o “seu lugar”. Natália era uma “menina da Praça” e no dia em que fez aniversário ela demonstrou com sua fuga que escolherá também comemorar “à sua maneira.”

Ter fugido para a Praça não revela que a festa no abrigo desagradou a menina. No entanto, experiências e trajetórias como as dos jovens moradores das ruas de Fortaleza são boas para colocar em questão a associação de determinados hábitos e gostos de certas faixas etárias. Se não é usual uma menina de 15 anos, que mora com seus pais em bairro de classe média entender que o seu aniversário deve ser comemorado em uma praça durante à noite, regado a bebidas alcoólicas e substâncias psicoativas, o mesmo não se pode dizer de uma jovem moradora de rua. De todo modo, “a festa” para os grupos juvenis também é entendida como uma celebração de rua, onde os jovens se deslocam para os lugares públicos como cenários de divertimentos e celebrações.

Os profissionais do abrigo de onde Natália fugiu teriam ficado menos desapontados se tivessem compreendido que um aniversariante costumam ter a expectativa de festejar o “seu dia” em locais que tenham significação positiva em sua trajetória. Portanto, associados a momentos tidos como felizes, na companhia de pessoas com quem dividiram momentos importantes de sua vida. Outra exigência recorrente entre os aniversariantes é de que sua festa não tenha “hora para terminar.” Vendo por esse lado, o que parecia ser uma escolha idiossincrática da parte de Natália, passa a soar bastante convencional.

A Fortaleza que modula a trajetória de Natália é grande, povoada e cheia de intrincados caminhos. No período ao qual se refere nossa observação. seus desejos e afetividades a levavam sobretudo para a Praça das Flores. Era lá que convivia com pessoas queridas e era possível comprar pedras de crack pelo menor valor na cidade, havia centenas de transeuntes a quem ela pedia dinheiro ou aproveitava um descuido para subtraí-lo, também havia muitos comércios

nas ruas próximas, onde ela podia comprar, pedir ou furtar comida. Para ela e vários amigos não havia outro lugar na cidade como aquele, ali era possível atender o que ela entendia como necessidade e realizar o que significava como desejo.

Teresa era outra “menina da Praça”. Junto com o seu namorado Luciano, ela tinha na Praça das Flores a referência de moradia, assim como, o cenário da intensa “história de amor” do casal. O romance de Teresa e Luciano era marcado por desentendimentos, agressividades mútuas e ardentes reconciliações. As agressões entre os dois eram físicas e verbais. O casal consumia em grandes quantidades variadas modalidades de drogas, praticavam furtos e assaltos na região e estavam envolvidos em ações com o narcotráfico. Além disso, Teresa realizava programas sexuais com recorrência, Luciano não só tinha conhecimento, mas também algumas vezes atuava como intermediário no comércio sexual ilegal, arriscando-se a ser indiciado por “exploração sexual de adolescente”. A ligação dos dois dava mostras de ser muito forte, sustentada por intensas emoções. Várias vezes ouvimos os dois afirmarem que não conseguiriam viver separados. Mesmo vivendo um relacionamento conflituoso, o casal acreditava na eternidade do amor que sentiam, e na capacidade de sobreviverem aos riscos que permeiam suas rotinas. Afirmavam confiantes na capacidade que tinham de superar as situações perigosas nas quais se envolviam. Tendo apenas 15 anos, Tereza poderia acessar diversos serviços de atendimento estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Já Luciano, que tinha 20 anos, contava com um número menor de serviços oferecidos para a sua faixa etária.

Houve uma tarde que encontramos Luciano bastante inquieto. Por mais que buscássemos conversar, o rapaz não queria. Depois de muitas tentativas, ele relatou uma briga que teve com a namorada, alguns dias atrás. Segundo ele, depois da briga, Teresa tinha ido se esconder em uma feira bastante movimentada que ficava nas proximidades da praça. Esse lugar é reconhecido pelo comércio de variados objetos, vestimentas e gêneros alimentícios, além da circulação de uma grande quantidade de produtos ilegais, oriundos de roubos e furtos. Drogas e armas também são vendidas na feira. Luciano é uma rapaz que possui muitas rixas e muitos de seus inimigos freqüentam a feira, diante disso,

lá era muito perigoso para ele circular. Dada à impossibilidade do namorado entrar na feira, esta se apresentava a Teresa como um excelente esconderijo. Nesta mesma tarde, os educadores sociais de rua que acompanhavam os “meninos da Praça” foram em busca de Teresa. Ao encontrar a menina, eles a levaram para um abrigo localizado próximo ao centro da cidade de Fortaleza, portanto, longe da Praça das Flores. Vendo sua namorada acompanhada dos educadores, entrar no carro que a levaria para um abrigo, Luciano quis saber o endereço para o qual Teresa tinha sido levada, mas não conseguiu esta informação com os educadores. Era muito importante para Luciano saber onde encontrar sua namorada. Ele parecia ultrajado diante da negativa e sua indignação foi tanta, que por alguns dias ele se recusou a participar das atividades promovidas pelos educadores sociais de rua naquela região da cidade.

O afastamento de Luciano não durou muito tempo, logo o menino voltou a se aproximar das atividades e a conversar com os profissionais. Nestas conversas, o jovem não se cansava de perguntar sobre o paradeiro da namorada. Ele dizia que mesmo os educadores não informando, Teresa não ficaria muito tempo longe dele nem da Praça das Flores. O garoto também anunciava que quando reencontrasse Teresa iria retomar o namoro, pois os dois se amavam. Durante uma atividade de futebol que acontecia em um ginásio próximo a praça, Luciano, que costumava participar com muito entusiasmo, preferiu ficar desenhando e se isolou dos demais jovens em nos degraus da arquibancada do ginásio. O menino passou toda a tarde concentrado no desenho e não cedeu às tentativas de aproximação e às conversas que nós e os profissionais direcionamos a ele. No final da atividade, quando estávamos indo embora, Luciano entregou o desenho aos educadores e pediu para que eles entregassem à Teresa. No desenho o jovem rabiscou prédios, representando a cidade ou “a rua”. Os prédios remetiam à vista da cidade de Fortaleza que se tem a partir da Praça das Flores. Na parte superior da folha, ele desenhou um coração e dentro do coração escreveu: “Luciano e Teresa”. Tratava-se de uma homenagem à história de amor dos dois jovens, que tinha a cidade, ou pelo menos um pedaço da cidade, como cenário do romance. Poucos dias depois, conforme Luciano havia anunciado, Teresa fugiu do abrigo

e voltou para o “seu lugar.” A menina percorreu uma longa distância, atravessou a cidade, indo ao encontro do seu namorado que a esperava na Praça das Flores.

Assim como Natália, os sujeitos dessa trama nos ajudam a produzir deslocamentos, afinal estão em posições estigmatizadas em vários aspectos: são moradores de rua; consumidores de substâncias psicoativas, praticantes de roubos e furtos, ela envolvida na rede de exploração sexual, em que ele ocasionalmente atua como agenciador. De acordo com os sistemas classificatórios operantes pelos poderes e padrões éticos instituídos esses jovens se encontram em situação de exclusão ou desigualdade social na sua forma mais perversa.

Ao mesmo tempo em que são portadores de dessas características definidoras de estigmas, Teresa e Luciano vivem uma experiência de interação que envolve um sentimento positivamente valorizado e alvo de idealização no imaginário do Ocidente: o amor. Estes jovens são protagonistas de um romance, uma relação de amor contínua, marcada por suspenses, rupturas, desafios e reconciliações. Considerando que a busca da felicidade individual é apontada por Louis Dumont (1986) como dos elementos definidores da cultura ocidental. De acordo com Dumont (1986), em comparação com outras, somos uma cultura cronicamente infeliz, uma vez que elegemos como o principal objetivo da vida a busca por felicidade. Ademais, na história do ocidente a busca por um amor figura há longa data como símbolo de realização, produções dramáticas passadas e contemporâneas comprovam esta ideia. A realização individual pela via do amor como sentimento e experiência capaz de amenizar fracassos ou infelicidades em outras esferas da vida têm permeado a literatura e o cinema, gêneros de expressividade artística relevantes na delimitação de valores e padrões de subjetividade da cultura ocidental. Vistos por essa perspectiva, Teresa e Luciano ascendem nas classificações que possam ser feitas sobre eles. Afinal, o casal protagoniza um caso de amor correspondido, experiência que pode ser interpretada como uma forma de realização.

A ligação entre Teresa e Luciano está associada a um estilo de vida que envolve sucessivas aventuras, um cotidiano de imprevisibilidades. Mas o amor correspondido e associação desse sentimento ao espaço da Praça das Flores

desempenha uma função de estabilizador. Em uma rotina de riscos e incertezas a paixão que envolve o casal promove uma convergência em suas trajetórias, e a praça funciona como um cenário de referência espacial e afetiva na intersecção entre seus percursos urbanos. Constitui um ponto de convergência na Fortaleza desenhada (romanticamente) por Luciano e Teresa.

Em nossas andanças e perambulações por essa região da cidade, certa vez, fomos com os educadores em uma atividade esportiva que acontecia às quintas-feiras em um ginásio próximo à Praça das Flores. Havia uma espécie de acordo entre os jovens e os educadores sociais: ficava pactuado que aquele que estivesse sob o efeito de alguma substância entorpecente não participaria das atividades. O acordo era cumprido por grande parte das crianças e jovens e eles apareciam “de cara” nessas tardes. Era também um bom momento para conversarmos com um grupo mais ampliado de jovens. Em uma dessas tardes, chegamos na kombi com os educadores sociais e avistamos de longe o ginásio com os portões trancados. Enquanto fazíamos a volta para estacionar, uma das educadoras comentou que os meninos e meninas poderiam ter passado por lá, e como observaram que os portões estavam fechados, poderiam ter ido embora, achando que as atividades esportivas não seriam realizadas naquele dia.

Assim que chegamos, o número de jovens estava bem reduzido, ficaram sete jovens, pois os demais tinham ido embora acreditando que não teriam as atividades nesse dia, conforme a educadora havia previsto. Um dos jovens que resolveu ficar e esperar a chegada dos educadores foi Mariana. Ficamos literalmente “no meio da rua” nesse dia, pois nenhum funcionário que trabalhava no ginásio apareceu para abrir os portões ou dar alguma satisfação sobre o ocorrido, embora essas atividades fossem pré-agendadas e registradas via ofício ao órgão da prefeitura responsável pelo gerenciamento do ginásio. Na verdade, o coordenador do ginásio, por diversas vezes, manifestava-se contrário à utilização daquele equipamento público pelos “meninos de rua” e já tinha tentado outras vezes impedir a realização das atividades, alegando que o local estava em reforma.

Procuramos uma sombra nos arredores do ginásio e ficamos, juntamente com os educadores sociais, sentados conversando com os sete jovens que permaneceram por lá. Iniciamos uma conversa sobre assuntos mais íntimos

referentes às relações afetivas e sexuais vivenciadas por Mariana e sua amiga Tuca, uma garota de 20 anos de idade. O fato de sermos mulheres pesquisadoras facilitava a troca de confidências por parte das garotas, que costumavam nos pedir conselhos afetivos e revelar segredos pessoais. Do mesmo modo em que, perguntavam sobre nossas vidas pessoais. Enquanto Mariana contava uma de suas histórias sobre sua vida nas ruas, Tuca ficou observando um garoto que aparentava ter a sua idade e estava sentado do outro lado da rua. O garoto também a observava de longe e ela logo percebeu o interesse dele. Tuca perguntou à amiga se ela sabia quem era o menino, se já tinha visto ele ou se o conhecia. Mariana disse que nunca tinha visto o menino e que ele aparentava não ser “de rua”. Tuca, então, se levantou do banco no qual estava conversando conosco e disse à Mariana que ia até o menino saber o que ele estava querendo e porque olhava tanto para ela. Mariana deu uma risada como se já soubesse o que iria acontecer.

Tuca foi caminhando na direção do menino com passos sedutores, rebolando os quadris e arrumando os cabelos. Observamos uma conversa rápida entre Tuca e o menino, mas logo a jovem voltou, com o mesmo caminhar sedutor, mas dessa vez com um sorriso debochado, explicando numa fala alta e durante o percurso de chegada até o grupo: “Ele queria o meu periquito³ por cinco reais! Tu acha!? Só dá pra uma pedra⁴.” Mesmo com a presença de seu namorado próximo ao grupo, Tuca não se intimidou com a atitude de negociar um programa sexual, pois ela nos relatou que o namorado não sentia ciúmes porque o dinheiro que ela ganhava era para sustentar eles dois, especialmente para comprar as pedras de crack. Foi por isso que ela disse que não aceitou a proposta do menino, pois o valor era muito pouco para ela e não custearia o consumo dela e do namorado. Perguntei qual era o valor dos programas sexuais. Tuca e Mariana me explicaram que variava muito, pois quando elas estavam “na fissura” de usar drogas, aceitavam qualquer valor, assim como

³ Expressão popular que faz referência à genitália feminina.

⁴ Pedra é o nome dado para o crack em virtude da forma como ele é comercializado.

quando estavam “drogadas” e realizavam os programas em troca de dinheiro ou de algum outro produto que poderia ser torcado pela droga na “bocada”⁵.

O relacionamento afetivo protagonizado por Tuca, chama a atenção pela desassociação que faz entre amor romântico e fidelidade. Mesmo tendo um namorado, a jovem se sente livre para ganhar dinheiro se relacionando sexualmente com outros homens. Em sua aparente traição, há uma inabalável fidelidade ao parceiro, uma vez que ela se recusa a oportunidade de fazer um programa, exatamente porque o valor que conseguiria obter não seria suficiente para custear também a pedra do parceiro. O seu namorado abdica a um só tempo da exclusividade sexual com a namorada e do papel de provedor. Uma vez que Tuca toma iniciativas para obter ganhos materiais a ser usufruído pelo casal.

Natália, Teresa, Luciano, Mariana e Tuca pertenciam a um coletivo de jovens e crianças de número impreciso, mas que podemos estabelecer uma estimativa de cerca de 30 jovens, que durante alguns anos viveram pelas imediações de uma praça próxima a um movimentado terminal de ônibus da cidade, conforme dito anteriormente. Sabemos que parte significativa dos jovens com experiência de moradia de rua adotam práticas ilegais como formas de sobrevivência à vida nas ruas, realizadas em decorrência do envolvimento com o tráfico de drogas, dívidas com traficantes, ameaças de policiais ou outros inimigos, roubos e assaltos praticados, comércio do sexo (que pode envolver algum tipo de golpe), entre outros casos ligados a atos criminosos. Dessa forma, iremos, para finalizar, relatar um acontecimento que desencadeou um conflito entre o coletivo de jovens em questão e os proprietários de lojas e demais estabelecimentos comerciais que ficavam no entorno da Praça das Flores.

Estávamos acompanhando o trabalho de abordagem de rua dos educadores sociais quando nos deparamos com uma comerciante, Dona Eva, que era proprietária de um salão de beleza alegando que os “meninos da Praça” tinham invadido durante à noite sua loja e saquearam dinheiro e produtos. Ela nos disse que chamou à polícia e que essa não era a primeira vez que um fato como esse tinha acontecido em sua loja. Esta mulher nos mostrou a porta de

⁵ Expressão utilizada para classificar o lugar de venda de drogas. Pode ser denominada também como “boca de fumo” ou simplesmente como “boca”.

ferro forçada e apontou que o espaço aberto era suficiente para um garoto atravessar e não um adulto. Entramos na loja, que estava completamente revirada e com muitos objetos jogados no chão, enquanto Dona Eva, muito nervosa, nos mostrava a dimensão de seu prejuízo financeiro. Ela relatou que há pouco tempo tinha comprado novos aparelhos elétricos para o cabelo, como secadores e aparelhos para fazer “chapinha⁶”, e que “os vagabundos” tinha-lhe prejudicado com o roubo de seus instrumentos de trabalho. Dentre os objetos roubados, Dona Eva também apontou uma quantia em dinheiro e vidros de esmalte e acetona, que está última ela acusou de ser uma substância intorpecente que despertava a cobiça dos jovens.

Quando aos outros objetos, Dona Eva disse que eles deveriam ter sido trocados por pedras de crack nas “bocas de fumo” que ficavam em uma favela próxima a Praça das Flores. Durante algumas conversas realizadas com os jovens moradores de rua da praça eles revelavam que a “pedra” nessa favela era mais barata do que em outros lugares, custando entorno de 2 a 5 reais, e esse também era um dos motivos que ocasionou a aglutinação de muitas crianças e jovens na Praça das Flores e em seus arredores. Ficamos observando o cenário conflituoso que nos fora apresentado. De um lado, os relatos de indignação da proprietária e suas acusações sobre as “práticas criminosas” protagonizadas pelo grupo de jovens, e do outro, os profissionais comportaram-se de forma neutra, não emitiram opiniões sobre o ocorrido, apenas escultavam as queixas e procuravam evidências que comprovassem as acusações de Dona Eva. Percebemos como naquela manhã não tínhamos, até então, encontrado com nenhum jovem ou criança que costumavam ficar nos arredores da Praça das Flores. Essa ausência logo nos chamou a atenção assim que chegamos até o lugar, tendo em vista que, até então, não sabíamos do ocorrido.

A polícia chegou e observamos o relato de Dona Eva pautado na acusação de que os “meninos da Praça” tinham sido os autores daquele roubo. No diálogo entre a polícia e a comerciante percebemos uma série de classificações como: “eles são marginais!” “Certamente foram eles!” “Vamos

⁶ Máquina própria para a realização de alisamento de cabelo.

resolver esse problema!” A polícia registrou o ocorrido e Dona Eva dirigiu-se até uma delegacia para fazer um boletim de ocorrência. Com a chegada da polícia um grupo grande de transeuntes e demais comerciantes da região aproximaram-se para saber o que tinha acontecido. Muitos mostraram-se solidários com a preocupação de Dona Eva e ouvimos alguns comentários de que os “tais” meninos causavam muitos constrangimentos na região e que alguma coisa deveria ser feita para eles “sumirem” de lá. Havia um clima de tensão naquela manhã na praça e após acompanharmos o desenrolar do incidente fomos todos embora, pois o objetivo da manhã não tinha sido cumprido, ou seja, encontrar o grupo de jovens para a realização das atividades desenvolvidas pelos educadores sociais. Eles não estavam mais pelas ruas e esquinas que ficam no entorno da Praça e os educadores sociais apontaram que eles poderiam demorar a retornar as suas “perambulações” naquela região. Agora o lugar tinha ficado “sujeira”, portanto, perigoso e ameaçador. A condenação da população e dos comerciantes foi um motivo que fez com que eles “dessem um tempo”, “vazassem”, “desaparecessem” da praça.

Ao entramos no terminal de ônibus para irmos embora fomos surpreendidos com a presença de Tito que estava dormindo sob um dos bancos do terminal. Aproximamos-nos do garoto juntamente com os educadores e observamos a conversa entre uma educadora e Tito. Ela perguntou ao garoto, que tinha aproximadamente 10 anos, se ele tinha alguma informação sobre o roubo no salão de beleza e ele confirmou o envolvimento de três jovens integrantes do grupo da Praça das Flores. Disse ainda que esse fato causou revolta aos demais integrantes do grupo que não estavam envolvidos com o incidente, pois com isso todos seriam “suspeitos” ou “culpados”, e dessa forma, seriam “perseguidos” pela polícia e pelos outros comerciantes da região. Tito também revelou seu medo de sair de dentro do terminal, alegando que lá era um lugar mais seguro para ele, já que naquele momento todos os “meninos da Praça” seriam condenados pela atitude de apenas três. Ao perguntar sobre o paradeiro dos demais, Tito respondeu que a maioria tinha ido “se internar” na “usina”.

A “usina” pode ser compreendida com um lugar de refúgio dos jovens da Praça das Flores, que era, na verdade, um grande terreno baldio e estava

cercado por um muro alto localizado nas margens de uma avenida de grande movimentação. Os jovens fizeram um buraco na parede do muro para acessarem o terreno, já que não conseguiam pular devido à altura. De forma rápida e sorrateira, eles entravam pelo o buraco e ficavam muitas horas lá dentro. Em alguns casos, algumas crianças e jovens passavam dias “internados”, termo utilizado por eles quando o tempo de duração do uso das drogas se estendia por muito tempo. A “usina” era o lugar utilizado para o consumo de drogas, especialmente de crack, e ficava localizado longe dos olhares da população, dos educadores sociais, do conselho tutelar e da polícia. Atualmente, no terreno onde outrora era utilizado para as práticas ilegais e “marginais” dos “meninos da Praça”, um *shopping center* está sendo construído, sendo assim, não poderá mais seu utilizado por esse agrupamento juvenil.

Sobre as formas de consumo do crack em Fortaleza, é importante sinalizarmos uma singularidade. A maneira como a droga é consumida pelos indivíduos que moram nas ruas em Fortaleza destaca-se por acontecer de forma não muito visível, longe dos olhos dos demais transeuntes, portanto, na maior parte dos casos, de forma escondida. É uma forma de uso discreta, que acontece em lugares escuros, sem muito movimento ou durante a noite. Diferente de outras cidades brasileiras, é raro ver um grupo de moradores de rua em público consumindo a droga. O que se observa é que, em geral, eles se afastam para fazer o uso do crack buscando ruas mais escuras, becos sem saídas ou terrenos abandonados. Nesse sentido, a “usina” proporcionava um “ambiente ideal” para o consumo da droga, pois era um “esconderijo.” Era também um lugar onde eles deixavam alguns pertences escondidos, inclusive dos outros frequentadores do lugar, em buracos que faziam no chão de terra batido ou os escondiam em cima das árvores sob os galhos.

Em virtude do roubo ao salão de beleza os jovens passaram um tempo sem ocuparem os espaços públicos localizados nas imediações da praça. Já não viamos seus corpos nômades circulando pelas ruas que delimitavam a praça, pelo terminal de ônibus, pedindo dinheiro nos semaforos que ficavam próximos ou aos frequentadores dos estabelecimentos comerciais da região. Eles foram aos poucos movimentando-se para outras regiões da cidade. Não podemos dizer que esse ocorrido se deu em decorrência do roubo praticado

pelos três meninos que integravam o grupo dos “meninos da Praça”, mas juntamente com esse acontecimento inaugurou-se um novo período naquela região da cidade sem a presença de crianças e jovens moradores de rua, que por diversas vezes causavam sentimentos de repugnância e insatisfação por parte de outros frequentadores do lugar, como os moradores da região, os transeuntes e os comerciantes.

Por meio de nossas observações em campo e das indicações feitas pelos profissionais que realizam a abordagem de rua, percebe-se, atualmente, em Fortaleza, não só os “meninos da Praça”, mas outras crianças e jovens com experiência de moradia de rua em diferentes lugares da cidade intensificaram seu movimento, sua circulação, seu nomadismo, não se fixando a um lugar por muito tempo. Portanto, em um passado recente, sabia-se onde encontrar as crianças e jovens, especialmente nos casos da atividade de abordagem de rua realizadas por agentes institucionais. Hoje, seus corpos estão em trânsito, mais inquietos e excitados, buscando saciar “desejos proibidos”, especialmente por causa do consumo e dos efeitos do uso do crack. Conforme mencionado anteriormente, a maneira como a droga é consumida pelos indivíduos que moram nas ruas em Fortaleza destaca-se atualmente por acontecer de forma não muito visível, longe dos olhos dos demais transeuntes, portanto, na maior parte dos casos, de forma escondida.

É importante destacar que, muitos jovens, quando experimentam ainda muito cedo a vida nas ruas, já tiveram algum tipo de experiência com o consumo de drogas. Geralmente, esse consumo se dá de forma muito frequente e, como dito anteriormente, o uso contínuo provoca situações que passam a dificultar suas convivências comunitárias nos bairros onde residem suas famílias. Logo, os corpos juvenis que transitam pelas ruas possuem marcas de diversas formas de violência, uma delas é o uso recorrente de drogas, que com o tempo os modifica seus traços corporais e faciais, tornando-os feios e com aparência pouco saudável aos observadores externos. Shara Jane Holanda Costa Adad (2011) compreende que os “corpos excessivos” dos jovens moradores de rua denunciam tragicamente suas diferenças e institui códigos específicos quando dissolvidos, despedaçados e esquadrinhados pelo solvente, ao mesmo tempo em que são corpos que anunciam “alegrias dionisíacas”. A cerca de dez a doze

anos atrás, a cola e o solvente eram as substâncias mais consumidas. Hoje, o crack se consagra como a principal droga utilizada pelas crianças e jovens (ressaltando que esse fenômeno acontece em diversas classes sociais e faixas etárias), configurando-se como um problema social norteador por grandes desafios e dificuldades de enfrentamento, tratamento e solução.

Percebemos como as formas de experimentar a juventude se configuram de forma precária, especialmente para aqueles que vivem suas experiências de vida envolvidos em situações e contextos de violência. No caso dos jovens com experiência de moradia de rua, a escola é abandonada por causa de suas inserções prematuras no mercado de trabalho ou no mercado ilegal do tráfico de drogas e das atividades criminosas. A família, muitas vezes, representa um lugar de violência, revelação constatada nos índices e nas narrativas, que apontam que a maior parte de crianças e jovens que vivem nas ruas já sofreu algum tipo de violência doméstica. Portanto, os jovens moradores de rua são indivíduos que anularam as referências iniciais das principais instituições socializadoras referentes aos primeiros períodos de vida: a família e a escola. Esses jovens estão, por algum motivo, afastados do convívio com suas famílias e, com o passar do tempo, ela vai deixando de ser a principal instituição socializadora de suas trajetórias de vidas.

A família, outrora reduto do amor e da decência, não é mais considerada um refúgio (Lasch, 1991). Em um mundo cada vez mais inseguro e ameaçador, a família tem sua imagem de proteção fragilizada. Portanto, a família e a escola passam a ser lugares desinteressantes de se conviver para esse agrupamento social. Sobre a família, alguns jovens consideram a possibilidade de retornar o convívio, mas a escola se apresenta como um lugar incapaz de proporcionar novas expectativas de um futuro melhor e pouca associação ao mundo do trabalho. Eles não expressam interesse em retornar as atividades escolares. Os jovens interlocutores dessa pesquisa alegam que sabem ler e escrever, mas classificam a qualidade precária desses saberes.

Jovens com experiência de moradia de rua são narradores de histórias e trajetórias que desenharam uma paisagem afetiva peculiar da cidade. Seus percursos são demarcados por ambivalências e ambiguidades. Para muitos, a percepção de que eles tecem fios de afetividade e amorosidade por si só

representa uma contradição. De modo geral, a compreensão desse agrupamento social costuma acontecer a partir de trajetórias marcadas pelas situações de violência nas quais estão inseridos. Nos afastamos da centralidade da “violência pura” ao narrar modos de vida nas ruas, apenas fazemos a opção analítica de situá-los a partir da tessitura de laços de afetividades que, é capaz de produzir possibilidades de fixação à rua e sinalizam expressões de culturas juvenis que demarcam as experiências contemporâneas de sociabilidades desses jovens.

Considerações finais

A rua possui uma paisagem de sentimentos que consolida formas de construção de significados às trajetórias de vida dos jovens. Esses circulam seus corpos em percursos não estabelecidos por trajetos com começo, meio e fim, mas sim através da experiência que o ato de movimentar-se desencadeia. Contudo, jovens que vivem nas ruas nomadizam o fluxo da vida cotidiana, suas etiquetas e emoções em um movimento desordenado que produz uma temporalidade desalinhada, resultante de experiências singulares e transgressoras que invertem padrões normatizados e normatizadores da vida social. O nomadismo desses jovens também está traduzido em suas vivências afetivas e sexuais, em virtude de adotarem práticas e percepções alinhadas às diversidades e pluralidades de compreensão das experiências relativas à sexualidade e às afetividades nos dias atuais. Todavia, essas dimensões imbricadas designam modos de vida, assim como indicam formas de fixação e sobrevivência, prescrevendo os espaços públicos como lugares de experimentação da vida íntima. A condição juvenil na contemporaneidade é demarcada por contingências que desalinham cursos aparentemente regulares devido ao mundo (des)governado por incertezas (PAIS, 2006) que destinam aos jovens o desafio de (re)elaboração de sentidos atribuídos às suas trajetórias de vida.

Jovens que vivem nas ruas recriam mundos a partir de rupturas, efemeridades, consolidações e desejos traduzidos por um sentido próprio, porém transgressor. A vinculação às esferas públicas acontece a partir de um emaranhado de emoções em trânsito que pode estabelecer movimentos de

circulação entre os mundos da rua e os mundos da casa. Ressaltamos que, para o público infanto-juvenil morador de rua, são maiores as possibilidades de acesso a serviços em instituições de atendimento do que para o público adulto. Cientes desse fato, crianças e jovens com experiências de moradia de rua agregam às suas trajetórias “entradas” e “saídas” da rua que acontecem de forma frequente em seus roteiros cotidianos. Não podemos dizer que são indivíduos sem vínculos familiares e comunitários, mas sim que possuem conflitos que provocam a convivência esporádica e instável nesses lugares. Nesse sentido, percebemos como é complexa a mensuração a partir de enumerações quantitativas, tendo em vista que a maioria dos jovens encontra-se na rua e fora dela como uma característica que demarca a sua condição nômade.

A circulação como uma marca de suas trajetórias de vida não anula suas vinculações afetivas e sentimentais, pois essas ligações são reveladas em seus discursos e observadas na forma como interagem com as pessoas e os lugares. No entanto, deve-se compreender as vinculações a partir de suas intensidades e da construção de significados que elas conservam na vida cotidiana dos jovens que vivem nas ruas, pois, ao se desvincularem de experiências e situações anteriores, orquestradas no mundo da casa, eles vinculam-se a novas referências que possibilitam modos de permanência a rua. Portanto, essas conexões apresentam-se a partir da dinâmica peculiar dos lugares onde os jovens encontram-se fixados, podendo apresentar formas ora mais sólidas ora mais fluidas, mas que existem e dão sentido às suas trajetórias de vida.

Nesse *paper*, optamos por desenvolver uma reflexão sobre os significados atribuídos aos modos de utilização de uma praça localizada na periferia de Fortaleza por um agrupamento juvenil durante um determinado (e prolongado) tempo. É importante destacar que os jovens com experiência de moradia nas ruas estabelecem recorrentemente lugares de referência e fixação mobilizados por algum tipo de benefício e afeição durante um determinado período. Conforme assinalamos anteriormente, a Praça das Flores se configurou como um lugar de permanência dos jovens por ser uma região de circulação de pessoas e de consumo e venda de drogas, especialmente, do crack, segundo suas definições do lugar. Suas permanências possibilitaram outras formas de

socialidade, com destaque, aos relacionamentos afetivos e amorosos que tiveram a praça como o cenário de suas histórias e da tessitura de redes afetivas que configuram-se como formas de fixação e permanência de crianças e jovens pelas ruas, avenidas e praças da cidade.

Nabil Ayouch (2000) no filme “As ruas de Casablanca”, produziu uma “etnografia fílmica”, ao construir uma obra de ficção sobre a vida de meninos moradores de rua no Marrocos, convidando eles próprios para protagonizarem suas próprias histórias de vida. A narrativa elaborada pelo cineasta se constitui como uma fábula da vida cotidiana, que encena e cartógrafa diversos sentimentos que a vida na rua desperta, portanto, a solidariedade, o amor, a rixa, a alegria, a dor, mobilizando no autor, segundo seu depoimento no making off o desejo de construir um filme que afetasse as pessoas. Um dos destaques do filme importante para a compreensão das narrativas dos jovens moradores de rua é o onirismo. Diante disso, a leitura de seus discursos são leituras de “interpretações das interpretações” que eles elaboram sobre suas trajetórias, e, dessa forma, o real e o imaginário se confundem, entrelaçam-se e se fundem com muita frequência. Gilberto Velho (1999, p. 129), aponta que a relação entre pesquisador e pesquisado é um “encontro de afinidades”, portanto há uma “necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa”, e dessa maneira acessar um mundo até então desconhecido, excêntrico e ambivalente.

Como assinala Le Breton (2009, p. 111), “O homem está afetivamente presente no mundo”. A afetividade representa um repertório cultural no qual relações e valores são ativados pelos sentidos orquestrados pelos indivíduos, assim, “exprime uma série de mímicas e gestos, em comportamentos e em discursos cultural e socialmente marcados, sobre os quais também exercem influência os recursos interpretativos e a sensibilidade individual” (LE BRETON, 2009, p. 114). Portanto, os mapas afetivos constituídos pelos jovens moradores de rua designam trajetos e comportamentos que delineiam os contornos de suas trajetórias de vida e produzem elementos indispensáveis para o entendimento de suas formas de sociabilidade.

Referências Bibliográficas.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *Corpos de Rua: cartografia dos saberes e o sociopoetizar dos desejos dos educadores*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva comparada da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FRANGELLA, Simone N. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua de São Paulo*. São Paulo: Anablume, FAPESP: 2009.

GOLDMAN, Marcio & LIMA, Tania Stolze. "Como se faz um Grande Divisor?". In Marcio Goldman, *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999.

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.

_____. *A minha casa é um mundo: os sem-abrigos*. In: *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: AMBAR, 2006.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.